

ORLANDO CALIMAN



De olho no PIB

Na ausência de qualquer outro indicador mais eficiente e convincente que pudesse retratar de forma mais abrangente o desempenho econômico de países e do conjunto destes, na totalidade ou regiões, o PIB é ainda aquele que todos olham com grande atenção. E nesse aspecto, as atenções de governantes, especialistas, investidores, consumidores e a própria sociedade em geral tendem a estar voltadas para o que acontece com esse agregado. Entender a lógica da sua dinâmica interna, especialmente no que se refere aos determinantes que o fazem movimentar-se no tempo, tem se colocado como um desafio constante de pesquisadores e teóricos de economia. Como também fazer previsões sobre como esse indicador irá se comportar no futuro próximo ou mais longínquo continua a desafiar tanto o mundo acadêmico, mas principalmente o mundo dos negócios.

No entanto, há um elemento comum e dominante na supremacia do PIB enquanto indicador finalístico e mais completo de medição de desempenho de países: a obsessão pelo crescimento, comportamento que explica a profusão de

informações veiculadas em ritmo crescentemente acelerado sobre como se comportou a produção de riqueza – o PIB – em períodos recentes e como este tenderá a se comportar na sequência temporal. Supõe-se, assim, que tudo o mais decorrerá desses movimentos: o emprego, a renda, os investimentos, o mercado financeiro, as Bolsas de Valores, os juros e até o humor das pessoas.

Interessa também aos governantes poder contar com um PIB em plena expansão. Afinal, junto vem o humor mais amigável de empresários, consumidores e população. De outro lado, quando as coisas não estão indo bem por conta de um PIB com dificuldades de expandir-se, a tendência é de que o estado de humor geral piore, fato que interfere negativamente no desempenho futuro, principalmente pela via de expectativas em baixa. É exatamente quando os governantes se colocam em movimento no sentido de tentar mudar, mais especificamente reverter, a tendência negativa por meio de estímulos. Em outras palavras, crescimento também é visto como capital político.

Infelizmente o Brasil encontra-se na segunda situação, tendo em vista o fraco desempenho da economia e as expectativas prevalecentes, vindas do mercado e de instituições tanto internas quanto externas. O diagnóstico de consenso é o de que a economia brasileira está es-